

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



Usos de *araṇya* (floresta) na espiritualidade hindu segundo o *Araṇyakāṇḍa*, do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki

Matheus Landau de Carvalho*

As tradições religiosas hindus se destacam no cenário religioso mundial por constituírem um dos mais antigos e dinâmicos conjuntos de tradições religiosas da humanidade ainda existentes. A seguir sugere-se uma definição de um ponto de vista técnico formal sobre o que é o Hinduísmo enquanto uma destas grandes tradições religiosas do planeta:

Os termos “hinduísmo” e “hindu” começaram a ser usados pelos islamitas que habitavam a região da Pérsia como designações religiosas que diferenciavam os muçulmanos aquém do rio Indo (em sânscrito *śindhu*, lit. “mar”, “oceano”) dos não-muçulmanos que habitavam além do mesmo rio. Após o estabelecimento soberano dos muçulmanos sobre grande parte do subcontinente indiano, os britânicos se apropriaram, a partir do século XVIII, destes termos como denominadores comuns para se referir a vários segmentos religiosos distintos entre si então presentes na região, contribuindo para sua divulgação e uso amplamente estabelecidos (Rodrigues, 2006, p. 4). Por Hinduísmo compreende-se um conjunto de expressões culturais singulares que tendem a se adequar às diversidades regionais, históricas, individuais e comunitárias oriundas do subcontinente indiano, segundo uma pluralidade de tradições com suas comunidades de praticantes, seus sistemas de atos, seus conjuntos de doutrinas e seus processos de sedimentação de experiências, revelando uma flexibilidade e uma abertura acostuada à coexistência de opostos nas esferas ritualística [...] e mística. (Carvalho, 2017, p. 234, n. 3)

O *Rāmāyaṇa* de Vālmīki é uma expressão cultural narrativa das tradições hindus. No contexto semântico do termo sânscrito composto *Rāmāyaṇa*, *Rāma*¹ é um dos

* Bacharel e Licenciado em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2009. Especialista (2010), Mestre (2013) e doutorando (2019-) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), pela mesma Universidade. E-mail: matheuslandau@gmail.com.

¹ O nome de Rāma teria sido a última palavra pronunciada por Mohandas K. Gandhi logo antes de ser assassinado a tiros em 30 de janeiro de 1948. Em 1992, grupos de seguidores de Rāma derrubaram uma mesquita em Ayodhyā, principal cenário do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, onde se localiza o suposto lugar de nascimento de Rāma, pressionando o Governo da Índia a permitir a reconstrução de um templo hindu no mesmo local. Encenações teatrais da estória do *Rāmāyaṇa*, conhecidas como *Rāmlilā*, são anualmente

avatāras de Viṣṇu, uma divindade védica (*deva*), e o herói protagonista da narrativa, ao passo que *ayaṅa* pode designar tanto o ato de prosseguir, mover-se, andar, assim como o próprio caminho, o percurso, a estrada em si (cf. Apte, 1970, p. 48c; Monier-Williams, 1899, 84b). Portanto, a expressão *Rāmāyaṅa* compreende as vicissitudes pelas quais passou Rāma durante seu percurso neste mundo enquanto um *avatāra* de Viṣṇu.

Desde as primeiras iniciativas europeias de tradução e edição crítica do *Rāmāyaṅa* de Vālmīki, há, num primeiro momento, um consenso de que ele foi registrado por escrito na forma de épico, pelo menos, em duas recensões textuais diferentes entre si, i.e. a recensão do sul (meridional), de Bengala, também conhecida como de Calcutá (também denominada de *Gaudana* ou de *Gauḍa*); e a do norte (setentrional), de Benares (Vārāṅasī), conhecida como a dos Comentadores (*Commentatores*), denominada de *boreal, vulgata* ou do *noroeste*, (Goldman, 2007, p. 96) (cf. Schlegel, 1829, p. XXII; Gorresio, 1843, p. XXXVII; Monier-Williams, 1863, p. 15; Griffith, 1895, p. vi; Brockington, 1985, p. 60; Flood, 1996, p. 107; Goldman, 2007, p. 5).

Várias tentativas de datar o período de composição do *Rāmāyaṅa* de Vālmīki já ocorreram. O início de sua composição foi sugerido por Monier-Williams (1863, p. 3) e Brockington (1985, p. 329) em torno do século V A.E.C.; por Rodrigues (2006, p. 137) em 400 A.E.C., quando teria começado a tomar forma; por Nooten (Buck, 1976, p. xix) no ano 200 A.E.C.; e para Flood (1996, p. 107), o(s) texto(s), certamente, já estava(m) em circulação no primeiro século E.C. O término de sua composição já foi sugerido por Nooten (Buck, 1976, p. xix) em 200 E.C.; por Rodrigues (2006, p. 137) em torno de 400 E.C.; e por Brockington (1985, p. 329) em meados do século XII E.C.

Para as expectativas confessionais hindus, não há dúvidas de que a composição e o registro por escrito em sânscrito do épico como um todo não foi um esforço coletivo intergeracional, abrangendo vários espaços e tempos diferentes entre si, mas, pelo contrário, teria sido obra somente do *brāhmaṅa* eremita (*tapasvin*) hindu Vālmīki. Como é possível observar no *Uttarakāṅḁa*, o último dos sete livros (*kāṅḁas*) do *Rāmāyaṅa*,

realizadas em aldeias e cidades por toda a Índia em setembro ou outubro. Em muitas partes da Índia, as festividades do *Dīpāvalī* celebram o baile oferecido por Rāma ao assumir seu trono em Ayodhyā após seus quatorze anos de exílio segundo o *Rāmāyaṅa* de Vālmīki.

Aqui termina o mais proeminente dos contos, conhecido como Rāmāyaṇa, junto com seu epílogo. Foi composto por Vālmīki e é venerado por Brahmā.²

O *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, independentemente da recensão, possui sete *kāṇḍas*³ com número de cantos (*sargas*) e extensões diferentes entre si, dispostos na seguinte sequência:

Bālakāṇḍa (do sânscrito *bāla*, “criança”, “jovem”), o *kāṇḍa* da infância de Rāma;

Ayodhyākāṇḍa, o *kāṇḍa* da cidade de Ayodhyā, capital do reino de Kosala;

Araṇyakāṇḍa (*araṇya* = floresta) – doravante *ArKā* –, o *kāṇḍa* das florestas e das matas;

Kiṣkindhākāṇḍa, o *kāṇḍa* da cidade de *Kiṣkindhā*, território dos habitantes da mata (os *vānaras*);

Sundarakāṇḍa (do sânscrito *sundara*, “belo”, “encantador”), o *kāṇḍa* da beleza ou do encantamento⁴;

Yuddhakāṇḍa (do sânscrito *yuddha*, “guerra”, “batalha”, “luta”, “combate”, “disputa”, “contenda”), o *kāṇḍa* da guerra (em *Laṅkā*);

Uttarakāṇḍa (*uttara* = último), o último *kāṇḍa* do *Rāmāyaṇa*.

Um dos objetivos doutrinários e estilísticos do *Rāmāyaṇa* de Vālmīki é justamente uma exposição propedêutica, pedagógica dos preceitos do *dharma* hindu, seu tema por excelência. Segundo as tradições hindus, *dharma* referia-se, inicialmente, ao estabelecimento pelos deuses da ordem cósmica ao se separar (*vi-dhṛ-*) e conseqüentemente sustentar (*dhṛ*) o céu e a terra (Horsch, 2010, p. 19). Ao propor a recorrência dos atos cosmogônicos dos *devas* nas cerimônias rituais, autoridades

² Na *saṃhitā* consta: “etāvadetadākhyānaṃ sottaraṃ brahmapūjitam / rāmāyaṇamitiṃ khyātaṃ mukhyaṃ vālmīkinā kṛtam” (UtKā CXI,1. In: Mudholakara, 1983, p. ३०८०).

³ *Kāṇḍa* é uma palavra sânscrita que pode designar, entre outros, uma seção, um capítulo, uma porção ou a divisão de uma obra (cf. Apte, 1970, p. 142b; Monier-Williams, 1899, p. 269b; Wilson, 1819, p. 175b).

⁴ A conotação pretendida com a escolha do termo *sundara* como título do quinto *kāṇḍa* é intrigante, pelo menos para um leitor moderno do épico. A palavra sânscrita *sundara* significa “encantador”, “fascinante”, “belo”, “agradável”, “excelente” (Wilson, 1819, p. 998a, Monier-Williams, 1899, p. 1227c; Apte, 1970, p. 608c). Uma série de argumentos já foram levantados para tentar explicar a opção por esta palavra para designar o título do quinto *kāṇḍa*, seja pela arte poética supostamente incomum do *kāṇḍa*, pela riqueza de sua descrição poética, pela associação da palavra *Sunda* com alguns locais específicos, por uma possível tendência de adjetivação de protagonistas, pela auspiciosidade pressuposta sobre o mesmo *kāṇḍa*, ou pelo conjunto de fatores – sua poética, sua temática, o momento em que se localiza na trama do épico como um todo, sua maneira de caracterização dos personagens – que teriam contribuído para tal decisão (cf. Goldman; Goldman, 2007, pp. 75-78). Ao que parece, “No atual estado do conhecimento, parece-nos impossível especificar qualquer explicação incontestável para o nome do *Sundarakāṇḍa*.” (Idem, p. 78, itálico do autor).

religiosas hindus, ao longo do tempo, transpuseram o conceito de *dharma* para as dimensões ética, social, familiar e ritual, nas quais representa uma adequação da ação comportamental cujo pressuposto pragmático é o desejo individual pela obtenção de objetos transcendentais de fruição numa outra vida, que pode ser um paraíso (*svarga*) propriamente dito ou um renascimento numa condição humana superior. Estas concepções cósmicas, morais e ritualísticas tornaram-se leis gerais a cujas verdades eternas todo hindu deveria se conformar enquanto participante deste mesmo cosmos sustentado e ordenado pelo *dharma*. Esta fruição transcendente futura, *a posteriori*, fundamenta-se na doutrina da transmigração da alma (*saṃsāra*), baseada num ciclo de repetidos nascimentos e mortes de um ser, numa pluralidade de estágios transmigratórios que se interrelacionam através de um princípio de causa e efeito (*karma*) fundado em ações produzidas em existências anteriores pelo indivíduo, que também podem produzir consequências para existências vindouras de sua respectiva alma. A própria natureza é utilizada como ilustração desta dinâmica soteriológica no *Aranyakāṇḍa*:

Inevitavelmente, com o passar do tempo, o indivíduo colhe o fruto amargo de sua atitude vil, assim como as árvores florescem com o passar das estações.⁵

Dentro dos objetivos doutrinários encerrados pelo *dharma*, o *Rāmāyaṇa* de Vālmīki acaba englobando uma série de temas culturais, como os modos de vida familiar e ritualístico da sociedade hindu, a geografia do subcontinente indiano, a gastronomia indiana, narrativas religiosas das tradições hindus, o poder político e sua consequente administração pública, intrigas palacianas, modos de vida renunciantes, a arte militar, concepções hindus de tempo, assim como a natureza.

Quanto às balizas conceituais acerca da definição categórica do que aqui se entenderá por natureza, serão considerados aqui, preferencialmente, todos aqueles elementos naturais e formas de vida que prescindem de qualquer cálculo ou intervenção humana para existirem como tais, seja na esfera animal, na esfera vegetal ou na esfera mineral. Ainda que relações de interação empírica de mútua interferência entre ser humano e natureza estejam envolvidas nas abordagens circunscritas às

⁵ Na *saṃhitā* consta: “avaśyaṃ labhate kartā phalaṃ pāpasya karmaṇaḥ / ghoram paryāgate kāle drumāḥ puṣpamivārtavam” (*ArKā* XXVIII,8. In: VALMIKI'S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

relações entre cultura hindu e natureza, esta última será encarada aqui como tal a partir do momento em que não dependeu irrevogavelmente da existência humana para se manifestar sob suas várias formas de vida, ainda que as mesmas formas possam ser percebidas por nossa espécie, seja do ponto de vista lógico-racional, seja da perspectiva linguístico-semântica, seja pelo viés neuro-psicológico.

Neste âmbito, há três termos no sânscrito para designar a mata, a floresta, os bosques que se afastam do contexto urbano, socialmente calculado da cidade (*pura*) e da aldeia (*grāma*) indianas: *vana*, *araṇya* e *kānana*.

No sânscrito, *araṇya* pode designar uma floresta, uma região selvagem ou até um deserto (Wilson, 1819, p. 51a; Monier-Williams, 1899, p. 86c; Apte, 1970, p. 49c), adquirindo uma conotação geral de uma terra distante do cotidiano da aldeia ou da cidade hindu, um local inóspito, denotando a natureza selvagem em geral (Amirthalingam, 2013, p. 11). Do ponto de vista das práticas hindus, o *Aranyakāṇḍa* localiza em *araṇya* vários perfis humanos de eminente conhecimento védico ou práticas ascéticas, como os *munis* (*ArKā* IX,4.7; X,29), os *tāpasas* (*ArKā* XIX,8; XXXVII,5), os *ṛṣis* (*ArKā* IX,16; XXXVII,6), os *parāmarṣis* (*ArKā* L,11) e os *brāhmaṇas* (*ArKā* XLV,20).

No *Rāmāyaṇa* de Vālmīki é possível identificar quatro ecossistemas principais, i.e. as florestas decíduas⁶ tropicais, as florestas decíduas secas e úmidas, as florestas tropicais de Śrī Laṅkā e as semiflorestas da região alpina, no Himalaia. De um modo geral, a floresta é descrita, no *Rāmāyaṇa* de Vālmīki, como um lugar *madhura* (doce), de *śanta* (calma), mas também de *raudra* (raiva) e *vibhatsa* (medo), os quatro sentimentos que dominam todo o ambiente da mata (Lutgendorf, 2001). As principais florestas presentes no *Rāmāyaṇa* são:

- (a) Citrakūṭa, de fato o nome de um monte que dá o nome à sua própria vegetação;
- (b) Daṇḍaka, abrangendo boa parte dos atuais estados de Mahārāṣṭra, Āndhra Pradeś e Chattīsgar, é o local de vários eremitérios (*ashrams*) hindus e principal floresta do *Aranyakāṇḍa*;
- (c) Pañcavaṭī, lugar em que Sītā é raptada, localizado às margens do rio Godāvarī, no atual estado de Mahārāṣṭra. Diversos tipos de espécies de animais e pássaros

⁶ Na Botânica, *decíduo* é tudo aquilo que cai ou se desprende no fim da estação ou período de crescimento, que cai depois de murcho (DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1990, v. 1, p. 535a).

são mencionados pelo épico, incluindo-se o *haṃsa* (cisne), o *karamḍava* (galeirão), a *krauñca* (garça-real), o *mayūra* (pavão), a *mṛga* (corça) e a *sarasa* (garça indiana);

(d) Mataṅga, onde habitam os elefantes (em sânscrito *mataṅga*);

(e) Kiṣkindhā, geralmente localizada no atual estado indiano de Karnāṭaka. Seu famoso lago Pampā está situado a leste da colina Mataṅga e a oeste da colina R̥śyamūka, colinas estas que são chamadas pelos mesmos nomes até hoje;

(f) as florestas de Laṅkā, situadas no atual país homônimo (Śrī Laṅkā);

(g) Oṣadhi-parvatam, montanha em cujo lado sul foram “encontradas as principais plantas com propriedades curativas. Estas foram descritas como ‘brilhantes’ e ‘aromáticas’. Toda a área [é] impregnada de um aroma agradável.” (Amirthalingam, 2013, p. 16).

Dentre estes ecossistemas é possível identificar dois tipos de floresta, quais sejam, a floresta principal e a sub-floresta, de modo que Citrakūṭa e Daṇḍaka podem ser classificadas como floresta principal, enquanto Pañcavaṭī e Mataṅga podem ser descritas como um trecho da floresta principal, a chamada sub-floresta. A principal floresta no *Aranyakāṇḍa* é a floresta Daṇḍaka (Daṇḍakāraṇya), perto da qual se localiza, entre outros, o eremitério (*ashram*) de Sutīkṣṇa:

Em seguida, na hora apropriada e de acordo com os preceitos, [Sītā], Rāma e Lakṣmaṇa adoraram agni [fogo sagrado] e os devas [divindades] na floresta, o refúgio dos tapasvins [eremitas].

Purificados desta maneira e vendo nascer o sol, o portador do dia, eles se aproximaram de Sutīkṣṇa e gentilmente se dirigiram a ele:

“Passamos a noite bem confortáveis, venerável. Você nos honrou, respeitável muni [sábio]. Agora pedimos-te licença para irmos; queremos nos estabelecer em outro lugar, pois os sábios nos incitam a nos apressarmos.

Nós estamos nos apressando para visitar todos os ashrams pertencentes aos sagrados ṛṣis [sábios védicos] que vivem em Daṇḍakāraṇya.

Nós queremos nos despedir de ti, nós e estes grandes munis, constantes no dharma e preparados com tapas [ascetismo], homens que ardem como fogo. [...]

Enquanto os dois homens tocavam os pés dele, o grande muni os ergueu, abraçou-os calorosamente, e disse-lhes com afeto:

“Que você e [Lakṣmaṇa] possam seguir vosso caminho em segurança, Rāma, junto com Sītā, que vos acompanha como uma sombra.

Vá, poderoso príncipe, e visite os adoráveis ashrams destes tapasvins em Daṇḍakāraṇya, homens purificados por tapas [ascetismo].

Vocês verão florestas completamente floridas, abundantes em frutas e raízes, com rebanhos de animais e revoadas de dóceis pássaros;

lagos e lagoas com punhados de lótus e água cristalina cintilante, cheia de aves aquáticas;
cascatas de montanhas que delicias o olhar, e trechos deliciosos de selva ecoando o som emitido pelos pavões.”⁷

A reclusão implícita no *modus vivendi* dos ascetas que optaram em habitar em Daṇḍakāraṇya guarda intimamente a busca por determinada santidade védica que só a mata pode conferir segundo o modelo de eremitismo que a cultura hindu lhe reserva.

No entanto, Daṇḍakāraṇya também pode ser um lugar hostil a certas realidades ortodoxas e ortopráticas védicas, habitado pelos *rākṣasas*, que, em sua maioria, representam a transgressão do *dharma* hindu, a sabotagem de todas as condições de sua promoção em qualquer forma de existência neste mundo, inclusive do eremitismo védico:

Engajados na prática do dharma, [os munis] têm habitado na floresta, vivendo de frutas e raízes, mas agora eles estão aterrorizados com os bestiais *rākṣasas* e não encontram sossego. Repetidas vezes, enquanto eles estão engajados em várias penitências na floresta, os ferozes *rākṣasas* que vivem de carne humana vêm e devoram-nos.⁸

Quais devem ser, então, os frutos que você colhe, *rākṣasa*, por matar os ilustres *tāpasas* que vivem em Daṇḍakāraṇya, seguindo o caminho do dharma?⁹

⁷ Na *saṃhitā* consta: “atha te’gniḥ surāṃścaiva vaidehī rāmalakṣmaṇau / kālyam vidhivadabhyarcya tapasvīśaraṇe vane / udayanntam dinakaram ḍṛṣtvā vigatakalmaṣāḥ / sutikṣnamabhigamyedaṃ ślakṣṇam vacanamabruvan / sukhoṣitāḥ sma bhagavaṃstvayā pūjyena pūjitāḥ / āpṛcchāmaḥ prayāsyāmo munayastvarayanti naḥ / tvarāmahe vayam draṣṭum kṛtsnamāśramamaṇḍalam / ṛṣiṇām puṇyaśīlānām daṇḍakāraṇyavāsinām / abhyanuñātumicchāmaḥ sahaibhirmunipuṅgavaiḥ / dharmanityaistapodāntairviśīkairiva pāvakaiḥ [...] tau saṃsprśantau caraṇāvutthāpya munipuṅgavāḥ / gāḍhamāliṅgya sasnehamidaṃ vacanamabravīt / ariṣṭam gaccha panthānam rāma saumitriṇā saha / sītayā cānayā sārdham chāyayevānuvṛttayā / paśyāśramapadaṃ ramyaṃ daṇḍakāraṇyavāsinām / eṣāṃ tapasvinām vīra tapasā bhāvitātmanām / suprāyaphalamūlāni puṣpitāni vanāni ca / praśāntamṛgayūthāni śāntapakṣigaṇāni ca / phullapaṅkajaṣaḍāni prasannasālilāni / kāraṇḍavavikīrṇāni taṭākāni sarāṃsi ca / drakṣyase ḍṛṣṭiramyāni giriprasravaṇāni ca / ramaṇīyānaraṇyāni mayūrābhirutāni ca” (*ArKā* VII,3-7.10-15. In: VALMIKI’S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

⁸ Na *saṃhitā* consta: “vasanto dharmaniratā vane mūlaphalāśanāḥ / na labhante sukham bhītā rākṣasaiḥ krūrakarmabhiḥ / kāle kāle ca niratā niyamairvividhairvane / bhakṣyante rākṣasairbhīrnaramāṃsopajīvbhiḥ” (*ArKā* IX,5-6. In: VALMIKI’S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

⁹ Na *saṃhitā* consta: “vasato daṇḍakāraṇye tāpasāndharmacāriṇaḥ / kiṃ nu hatvā mahābhāgānphalam prāpsyasi rākṣasa” (*ArKā* XXVIII,6. In: VALMIKI’S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

Dimensão interessante desta dinâmica é o fato de não apenas seres humanos, mas também animais, constituírem-se igualmente como *avatāras* dos *devas*, refletindo uma certa concepção de reciprocidade existencial entre diversas tipologias ontológicas no que tange às possibilidades de promoção do *dharma* hindu, humana ou não, no sentido de que variadas formas de vida interferem como sujeitos reconhecidos pelas tradições védicas no restabelecimento da organicidade dhármica do cosmos outrora perturbada. Parte desta organicidade é justamente o espectro plural de práticas e doutrinas do eremitismo védico em suas relações de equilíbrio e respeito mútuo com a natureza, um imenso universo religioso hindu que precisa, na expectativa da trama do *Rāmāyaṇa*, da proteção conferida pela soberania e pelo comando de Rāma (*rājadharma*) sobre toda forma de vida essencialmente humana, ou que prescindia de qualquer cálculo ou intervenção humana para existir como tal, seja na esfera animal, na esfera mineral ou na esfera vegetal, neste último caso expressa significativamente, entre outros, pelo termo sânscrito *araṇya*:

E os munis, dedicando-se a votos estritos em Daṇḍakāraṇya, estão, de fato, angustiados, Sitā. Eles, em pessoa, refúgio para muitos, tomaram refúgio em mim.¹⁰

Não à toa que eminentes conhecedores da ritualística védica (*rājarṣis*, *paramarṣis*, *maharṣis*) laudatoriamente agradeceram Rāma por este ter acabado com 14.000 *rākṣasas* sob o comando de Khara num episódio do *Araṇyakāṇḍa*, um *rākṣasa* que vivia importunando os respectivos sábios védicos em sua busca por *dharma* em Daṇḍakāraṇya:

Então, todos os *rājarṣis* e os *paramarṣis* se reuniram, e, com louvor jubilante a Rāma, disseram-lhe estas palavras:
“Foi para este fim que o grande e poderoso Indra [...] fez sua visita ao sagrado ashram de Śarabhaṅga.
Os *maharṣis* elaboraram meios para trazê-lo para este lugar para acabar com estes ferozes e vis *rākṣasas*.
Você fez o que pedimos, filho de Daśaratha, e agora os *maharṣis* podem seguir os caminhos do *dharma* em paz em Daṇḍaka.”

¹⁰ Na *saṃhitā* consta: “te cārtā daṇḍakāraṇye munayaḥ saṃśitavratāḥ / māṃ sīte svayamāgamyā śaraṇyāḥ śaraṇaṃ gatāḥ [...] te bhakṣyamāṇā munayo daṇḍakāraṇyavāsinaḥ / asmānabhyavapadyeti māmūcurdvijasattamāḥ [...] sarvaireva samāgamyā vāgiyaṃ samudāhṛtā / rākṣasairdaṇḍakāraṇye bahubhiḥ kāmarūpibhiḥ / ardithāḥ sma bhṛṣaṃ rāma bhavānnastrātumarhāti” (*ArKā* IX,4.7.10. In: VALMIKI'S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

Enquanto isso, o poderoso Lakṣmaṇa, e Sītā [...] juntos entraram alegremente no ashram.

Após Lakṣmaṇa reverenciá-lo, o poderoso Rāma entrou no ashram vitorioso em meio à aclamação dos maharṣis.

[Sītā] abraçou calorosamente seu esposo, contente em ver que ele havia aniquilado o inimigo, trazendo paz aos maharṣis.¹¹

Referências

AMIRTHALINGAM, M. Plant & animal diversity in Valmiki's Ramayana. Chennai: Environmental Education Centre, 2013.

APTE, Vaman Shrivam. The Student's Sanskrit-English Dictionary. 2. ed. Delhi: Motilal Barnasidass Publishers, 1970.

BROCKINGTON, John. Righteous Rāma: The Evolution of an Epic. Delhi: Oxford University Press, 1985.

BUCK, William (Tr.). Ramayana: King Rama's Way. Berkeley: The Regents of the University of California, 1976.

CARVALHO, M. L. Dimensões religiosas e seculares do ascetismo renunciante hindu (*parivrajyā*) nas *Leis de Manu (Mānava-Dharmaśāstra)*. Revista Plura, vol. 8, n. 1, jan-jun 2017, pp. 212-239.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 12. ed. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1990, 3v.

FLOOD, Gavin. An introduction to Hinduism. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

GOLDMAN, Robert P. (Tr.). The Rāmāyaṇa of Vālmīki: An Epic of Ancient India. Vol. I: *Bālakāṇḍa*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2007.

GOLDMAN, Robert P.; GOLDMAN, Sally J. Sutherland (Tr.). The Rāmāyaṇa of Vālmīki: An Epic of Ancient India. Vol. V: *Sundarakāṇḍa*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2007.

GORRESIO, Gaspare (Tr.). Ramayana Poema Indiano di Valmici: testo sanscrito secondo i codici manoscritti della scuola Gaudana. Parigi: Stamperia Reale, 1843, Volume Primo.

¹¹ Na *saṃhitā* consta: “tato rājarṣayaḥ sarve saṅgatāḥ paramarṣayaḥ / sabhājya muditā rāmamidaṃ vacanamabruvan / etadarthaṃ mahātejā mahendraḥ pākaśāsanāḥ / śarabhaṅgāśramaṃ puṇyamājamāma purandaraḥ / ānīstavimimaṃ deśamupāyena maharṣibhiḥ / eṣāṃ vadhārtaṃ krūrāṇāṃ rakṣasāṃ pāpakarmaṇām / tadidaṃ naḥ kṛtaṃ kāryaṃ tvayā daśarathātmaja / sukhaṃ dharmaṃ cariṣyanti daṇḍakeṣu maharṣayaḥ / etasminnantare vīro lakṣmaṇaḥ saha sītayā / giridurgādvinīṣkrāmya saṃviveśāśramaṃ sukhī / tato rāmastu vijayī pūjyamāno maharṣibhiḥ / praviveśāśramaṃ vīro lakṣmaṇenābhivāditaḥ / taṃ dṛṣtvā śatruhantāraṃ maharṣiṇāṃ sukhāvaham / babhūva hr̥ṣṭā vaidehī bhartāraṃ pariśasvaje” (*ArKā* XXIX, 29-35. In: VALMIKI'S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 6 de junho de 2015).

GRIFFITH, Ralph T. H. (Tr.). The Rámáyan of Válmiki. Benares: E. J. Lazarus and Co., 1895.

HORSCH, Paul. From Creation Myth to World Law: The Early History of Dharma. In: OLIVELLE, Patrick (Ed.). Dharma. Delhi: Motilal Barnarsidass Publishers, 2010, pp. 1-26.

MONIER-WILLIAMS, Monier. A Sanskrit-English Dictionary. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1899.

MUDHOLAKARA, Shastri Shrinivasa (Ed.). Rāmāyaṇa of Válmiki, with the commentaries Tilaka of Rāma, Rāmāyaṇaśiromaṇi of Śivasahāya, and Bhūṣaṇa of Govindarāja. New Delhi: Parimal Publications, 1983, Vol. VII Uttarakāṇḍa. (Parimal Sanskrit Series n. 11)

RODRIGUES, Hillary. Introducing Hinduism. New York: Routledge, 2006.

SCHLEGEL, Augustus Guilelmus a. Ramayana id est Carmem Epicum de Ramae Rebus Gestis Poetae Antiquissimi Valmicitis Opus. Voluminis Primis Pars Prior. Bonn: Typis regis, 1829.

VALMIKI'S RAMAYANA in Devanagari script. Disponível em: <<http://sanskritdocuments.org/mirrors/ramayana/valmiki.htm>>. Acesso em: 14 de junho de 2015

WILSON, Horace Hayman. A Dictionary, Sanskrit and English. Calcutta, Hindoostanee Press, 1819.